



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

**REALIDADES E FICÇÕES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: NUANCES DE UM
ESPAÇO DISCURSIVO DA CONTEMPORANEIDADE**

Róger Albernaz de Araujo¹

Cristhianny Bento Barreiro²

RESUMO: O presente artigo pretende, a partir do agenciamento entre os conceitos de realidade e ficção, adentrar o território da educação ambiental, trazendo à superfície alguns atravessamentos discursivos que produzem um desenho geográfico singular do mundo, principalmente no que tange a produção de sentidos das relações do ser, consigo mesmo e com o seu entorno. Para tanto, propõe-se um movimento imanente de leitura e de escrita, de si e do mundo, como condição de possibilidade da efetivação de um pensamento que potencialize um conhecimento e um cuidado de si e do seu entorno. Um movimento de sim à vida e a alguns pequenos detalhes. Simplicidade de um cuidado de si e do meio ambiente, que na contemporaneidade passa cada vez mais pela arte de reinventar os modos de ser/estar no mundo.

Palavras-chave: Cuidado de Si; Autoformação; Educação Ambiental.

ABSTRACT: From the agency between the concepts of reality and fiction, this article aims to enter the realm of Environmental Education, bringing to surface some discursive crossings that produce a unique geographical design of the world, especially concerning the production of meanings that emerge from the relations of the being with him/herself and his/her surroundings. In this sense, we propose an immanent movement of self-reading and self-writing, as well as the reading and writing of the world, as a condition to the effectiveness of a thought that enhances self-knowledge and self-care, as well as his/her surroundings' knowledge and care. A YES-movement to life and some minor details. Simplicity of a self-care and environment-care, which, in contemporary times, has been increasingly articulated with the art of reinventing the ways of being in the world.

Key words: Self-care; Self-formation; Environmental Education.

¹ Doutor em Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSul, Programa de Pós-graduação em Educação – CEP 96015-360 – Pelotas – Rio Grande do Sul – Brasil – roger@pelotas.ifsul.edu.br.

² Doutora em Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSul, Programa de Pós-graduação em Educação – CEP 96015-360 – Pelotas – Rio Grande do Sul – Brasil – crisbarreiro@terra.com.br.

Vive-se em uma dimensão de contínuas mudanças, seja na relação com o entorno, seja na própria representação³ que se ergue desse entorno e, ainda mais, naquilo que se modifica a todo tempo na produção de um ser. Parece que se avança na absorção de um espaço de convivência em que a imagem do ser se reflete nas mais variadas direções. Anda-se e, quanto mais se anda e, quanto mais se pensa evoluir, mais semelhança se produz. Esse desejo de transformação, de superação e de conquista permeia um ideal que encontra guarita em uma espécie de esperança de um tempo que virá e, pelo qual se espera; muitas vezes sentado a beira do caminho em sucessões de estações que desembocam em algum lugar do qual não se retorna jamais. Um pouco de exagero, talvez, mas, não são poucas às vezes em que o olhar parece só conseguir estabelecer o foco em um passado perdido, enquanto o tempo presente se esvai em meio à reprodução de lembranças. Cria-se um ambiente em que a estabilidade dos acontecimentos⁴ rememorados como ficção de uma realidade presente, funciona como ópio em um corpo⁵ dilacerado pelas incertezas do futuro e, ainda mais pelas asperezas impostas pelo presente. Em verdade, o corpo parece desejar, através da memória, artifícios que possam criar dimensões outras no tempo presente que reduzam a pressão sempre eminente da escolha, da decisão e do próximo passo. Com isso, intensifica-se a repetição de um certo modo de ser, o que reduz as possibilidades de uma diferenciação e, por conseguinte, resguarda o corpo de possíveis transformações. Produz-se um olhar para dentro de si, o que fornece ao corpo o sentido e a sensação de um acolher a si mesmo que conforta. Esse reconhecimento de si em si mesmo reproduz o elemento esperado e consolidado com o ideal que delimita o olhar que se tem sobre um desejo de vida; mais que isso, permite conformar o sujeito com a imagem que esse deseja de si. Talvez, uma busca constante de personalidade. Tornar mais pessoal o mundo, a vida e a si mesmo e, nesse procedimento de retorno sobre um passado sempre presente, poder resguardar no conhecido todo o medo que o desconhecido

³ “Não se domina nem mesmo o aumento de uma ‘massa monetária’ Quando se projeta aos limites do universo uma imagem de senhor, uma idéia de Estado ou de governo secreto, como se uma dominação se exercesse sobre os fluxos tanto quanto e do mesmo modo que sobre os segmentos, cai-se numa representação ridícula e fictícia” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.107).

⁴ Segundo Deleuze e Guattari “(...) o modelo é problemático, e não mais teorematizado: as figuras só são consideradas em função das afecções que lhes acontecem, secções, ablações, adjunções, projeções. [...] Há aí toda sorte de deformações, transmutações, passagens ao limite, operações onde cada figura designa um ‘acontecimento’ muito mais que uma essência: o quadrado já não existe independente de uma quadratura, o cubo de uma cubatura, a reta de uma retificação. Enquanto o teorema é da ordem das razões, o problema é afectivo e inseparável das metamorfoses, gerações e criações na própria ciência (DELEUZE & GUATTARI, 1997b, p.25-26).

⁵ O que é o corpo? Nós não o definimos dizendo que é um campo de forças, um meio provedor disputado por uma pluralidade de forças. Com efeito, não há ‘meio’, não há campo de forças ou de batalha. Não a quantidade de realidade, toda realidade já é quantidade de força. Nada mais do que quantidades de força “em relação de tensão umas com as outras” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.21).

produz. Longe de um juízo sobre esse modo cumulativo de produção do ser, aguça a percepção às semelhanças com um processo produtivista de subjetividades identitárias, cuja função latente se realiza na contraposição a quaisquer possibilidades de diferença que possam vir a interferir na relação com o produto esperado; modo organizativo de um sistema que tem em sua origem uma finalidade, a qual determina os modos de funcionamento que deverão ser preservados por conta de resguardar o produto idealizado. Em suma, as subjetividades são apropriadas por um sistema capitalista de subjetivação, que funciona como dispositivo modulador das frequências esperadas. Isso determina um modo de funcionamento circular que preserva as subjetividades reconhecidas no interior do sistema. Esse procedimento de pertença cumpre a função de evitar que processos de subjetivação não reconhecidos venham a produzir outras/novas subjetividades que possam modificar o ideal de produção esperado. Ou seja, garante-se a manutenção da estabilidade do sistema pela preservação contínua de um mesmo modo de funcionamento, o que exclui o diferente ou o absorve como semelhante – processo de aniquilação ou de atenuação da mudança.

Quem sabe se possa buscar uma impessoalidade? Um impessoal que instigue a retirada cirúrgica dos pedaços de uma má-consciência introjetada e inscrita na ordem de um discurso moralista. Mas, quanto desse ideal ressentido se corporifica em palavras de ordem⁶? Quem sabe seja um movimento óbvio de uma modelagem formativa niilista que se instaura e, talvez isso seja mais corriqueiro nesses dias ditos atuais, do que se poderia requerer mensurar. De certo modo, acontece que se é impelido a assumir um estado de realidade absoluta, no qual a razão suprime e afasta quaisquer possibilidades de ficção. Contudo, esse tensionamento do que se deve⁷ ser, ou talvez, daquilo que se deve demonstrar que se é, funciona como um redutor de possibilidades de descobertas outras, além daquelas modeladas e legisladas. Procedimento que delimita a área de trânsito possível e determina os modos de produção dos hábitos que constituem um viver. Viver que deve cumprir um curso que leva deliberadamente

⁶ “A professora não se questiona quando interroga um aluno, assim como não se questiona quando ensina uma regra de gramática ou de cálculo. Ela "ensina", dá ordens, comanda. Os mandamentos do professor não são exteriores nem se acrescentam ao que ele nos ensina. Não provêm de significações primeiras, não são a consequência de informações: a ordem se apóia sempre, e desde o início, em ordens, por isso é redundância. A máquina do ensino obrigatório não comunica informações, mas impõe à criança coordenadas semióticas com todas as bases duais da gramática (masculino-feminino, singular-plural, substantivo-verbo, sujeito do enunciado-sujeito de enunciação etc). A unidade elementar da linguagem — o enunciado — é a palavra de ordem.” (DELEUZE & GUATTARI, 1995b, p.11-12).

⁷ “Do ponto de vista do racismo, não existe exterior, não existem as pessoas de fora. Só existem pessoas que deveriam ser como nós, e cujo crime é não o serem. A cisão não passa mais entre um dentro e um fora, mas no interior das cadeias significantes simultâneas e das escolhas subjetivas sucessivas. O racismo jamais detecta as partículas do outro, ele propaga as ondas do mesmo até à extinção daquilo que não se deixa identificar (ou que só se deixa identificar a partir de tal ou qual desvio). Sua crueldade só se iguala a sua incompetência ou a sua ingenuidade” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.45-46).

ao lugar esperado. O problema, talvez, seja que esse lugar não basta ou, em prática, não se aproxima do desenho que lhe criou em imagem de pensamento. O sinal dos tempos contemporâneos acaba por provocar abalos sísmicos em uma realidade materialista que aprisiona as subjetivações que se aventuram a espiar um fora. Um tempo que referencia a instauração de um estado de dúvida e de descontentamento, paradoxalmente misturados a um sentimento pessoal de inaptidão e de incapacidade que se desenvolve por extensividade. Relação que na composição desigual de forças, progressivamente coloca as coisas em um estado de dormência que reduz o viver à representação de uma vida. Ao processo de aquisição do direito de descobertas e de criações, sucede a inércia de um consumo daquilo que está disponível ao uso. Ao desejo de provar novos ares e novos sabores, sucede a apatia de conservar os pés ao chão e o ar em temperatura estável e amena. Com isso, o desejo de segurança vence. Suar o corpo, somente em academias climatizadas, distribuidoras da matriz estética esperada. São procedimentos que estabelecem modos de funcionamento a partir de uma mesma matriz de pensamento, com finalidade explícita de manutenção de uma determinada posição de mundo e, mais, da regulação das “posições de sujeito” possíveis neste mundo. Ou seja, nas mais diferentes esferas da constituição social, erigem-se modos produtivos de subjetividade que intencionam a imagem de uma determinada realidade. Mas, afinal, o que isso tem em comum com a educação? Não diferente, no território⁸ da educação, esse modelo, também se repete.

O contexto educativo tem sido nos últimos anos questionado por sua diversidade temática, principalmente quando se coloca em posição de dissecação de questões estratégicas de estado, cuja sustentação se tem fundamentado em uma determinada enunciação de verdade que produz a imagem única de um ideal esperado. Muitas vezes, questionando leis e preceitos, inquestionáveis no seio de determinadas formações sociais e políticas que se consolidam. Menos que conceituar uma educação como transformadora, redentora ou qualquer outra definição paradigmática, faz-se premente pensar sobre como a educação que se tem se desenhado a imagem representacional que dela se faz, agora e há muito. Conhecer os modos de produção do processo educativo se faz necessário para qualquer possibilidade de inferência que se possa desejar proceder. A crítica do pensado em educação, do já constituído e afirmado, apenas encaminha o embate de um ideal que se candidata a hegemônico pela

⁸ “O nômade tem um território, segue trajetos costumeiros, vai de um ponto a outro, não ignora os pontos (ponto de água, de habitação, de assembléia, etc.) Mas a questão é diferenciar o que é princípio do que é somente consequência na vida nômade. Em primeiro lugar, ainda que os pontos determinem trajetos, estão estritamente subordinados aos trajetos que eles determinam, ao contrário do que sucede no caso do sedentário” (DELEUZE & GUATTARI, 1997b, p.50).

declaração de oposição ao regime vigente. O que, talvez seja necessário, transpondo uma crítica dialética, seja o agenciamento⁹ das forças díspares que compõem o território da educação, inclusive aquelas que não participam da frequência de modulação esperada pelo modelo vigente. Para, minimamente se poder aproximar deste contexto, faz-se premente experimentar de um estudo imanente, em que o pensamento mais diverso possa, também, tomar a superfície, mostrar seus olhos e fazer ouvir sua voz. Com esse procedimento se pode desafiar a histórica estrutura compartimentalizada e fragmentada da educação, provocando a mistura de potências paradigmáticas diversas. Mistura essa, que pode trazer à superfície uma diferença de potencial entre forças na direção da criação de algo novo; algo que dribles as questões de pertença e de derivação; algo que se faça enquanto processo de invenção. Inventar e pensar: deslocamentos contínuos, articulados em pontos de conexão que implicam uma intensa proximidade por entre o que se negocia em desejo de criação. Criar e ficcionar que funcionam em agenciamentos que pensam invenções e também inventam pensamentos. Agenciar: invenção, pensamento, criação e ficção. Agenciar invenções que criem ficções de pensamento e pensamentos de ficções e invenções de criação e, e, e...

Talvez, os procedimentos que implicam em uma alegria de se poder viver, possam ser recorrentes ao “prazer do texto”¹⁰, como provoca Barthes (1987, p. 26). Ou seja, abre-se o caminho para escrita de um texto de cada vida, seja ela individual ou coletiva. Isso insere um sentimento que incita um desejo de se requerer uma percepção de como o mundo se torna o que se diz que ele é; como alguém se torna o que é; e o que se pensa e o que se diz que se é. Esse procedimento escancara um desejo que, mais que necessidade de um conhecimento, flutua como sensação que se alastra à superfície da pele, sem que se possa evitar; e isso ressoa em um sussurro de cuidado, que implica uma alegria de si. Talvez, quem mais bem se cuide, mais bem possa vir a se conhecer, e uma vida mais alegre possa vir a ter.

Se leio com prazer esta frase, esta história/ou esta palavra, é porque foram escritas no prazer/(este prazer não está em contradição com as/queixas do escritor). Mas e o contrário? Escrever/no prazer me assegura a mim, escritor o prazer de meu leitor? De modo algum. Esse leitor, é/mister que eu o procure (que eu o drague), sem/saber onde ele está. Um espaço de fruição fica//então criado. Não é a pessoa do outro que me é/necessária, é o espaço: a possibilidade de uma/dialética do desejo, de uma imprevisão do/desfrute: que os dados não estejam lançados, que/haja um jogo (BARTHES, 1987, p.9).

⁹ “Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação. As velocidades comparadas de escoamento, conforme estas linhas, acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitação e de ruptura. Tudo isto, as linhas e as velocidades mensuráveis, constitui um *agenciamento*” (DELEUZE & GUATTARI, 1995a, p.10).

¹⁰ “O prazer do texto é esse momento em que meu corpo vai seguir suas próprias idéias – pois meu corpo não tem as mesmas idéias que eu” (BARTHES, 1987, p.26).

Nesse caso, o prazer de olhar para além do espelho que reflete a imagem de um ser nomeado enquanto elemento identificado de um espaço coletivo e o simultâneo desejo de inferir nas possibilidades dos modos de vir a ser. Aí, um cuidado! O prazer de uma leitura de si e do mundo, ampliada na relação com as possibilidades que emergem desse movimento. Atitude que pode romper com a inércia de continuísmo de ser. Romper com o que simplesmente se pensa que se é e vislumbrar o desejo daquilo que em potência ainda está por vir. Giram os dados e se ampliam as possibilidades do ser; multiplicam-se as dimensões do possível; proliferam as multiplicidades¹¹ do olhar.

Em olhar na Educação Ambiental, e principalmente, os processos que envolvem e implicam com/nos modos de produção deste espaço de construção de conhecimento, de posições e de atitudes, tem-se toda uma realidade escrita, pululante em ser lida e, também toda uma realidade por se escrever. E toda uma ficção, também! Lida e escrita, vivida e inventada. O processo de leitura e de escrita na autoformação ambiental, na relação de tornar-se partícipe ativo desta construção, se desenvolve por séries múltiplas de possibilidades na relação com imagem que se tem de meio ambiente. Uma imagem que surge na relação de forças em luta constante; forças espelhadas em imagens gravadas na memória, vistas e revistas no caminho da eternidade. O historicamente escrito? Talvez, na maioria das vezes, mas uma questão de simplicidade impõe sua presença. Um corpo simples de pensamento, um sim às pequenas coisas deixadas de lado como detalhes de um todo que por sua assomada extensão atenua qualquer sussurro de intensidade. Proposição de ruptura? Não se faz premente romper, apenas possibilitar a simplicidade de pensar o pensamento, de vasculhar os labirintos que escondem os medos-monstros, as paredes-verdades pra além da imagem do que se vê. Perceber os sons ao seu redor, os aromas e os movimentos ínfimos. Uma rostidade¹² –

¹¹ “Sim, todo animal é ou pode ser uma matilha, mas segundo grau de vocação variável, que tornam mais ou menos fácil a descoberta de multiplicidade, de teor em multiplicidade, que ele contém atualmente ou virtualmente, dependendo dos casos. Cardumes, bandos, manadas, populações não são formas sociais inferiores, são afectos e potências, involuções, que tomam todo animal num devir não menos potente que o do homem com o animal” (DELEUZE, 1997a & GUATTARI, p.22).

¹² “Uma criança, uma mulher, uma mãe de família, um homem, um pai, um chefe, um professor primário, um policial, não falam uma língua em geral, mas uma língua cujos traços significantes são indexados nos traços de rostidade específicos. Os rostos não são primeiramente individuais, eles definem zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões rebeldes às significações conformes. Do mesmo modo, a forma da subjetividade, consciência ou paixão, permaneceria absolutamente vazia se os rostos não formassem lugares de ressonância que selecionam o real mental ou sentido, tornando-o antecipadamente conforme a uma realidade dominante. O rosto é, ele mesmo, redundância. E faz ele mesmo redundância com as redundâncias de significância ou frequência, e também com as de ressonância ou de subjetividade. O rosto constrói o muro do qual o significante necessita para ricochetear, constitui o muro do significante, o quadro ou a tela. O rosto escava o buraco de que a subjetivação necessita para atravessar, constitui o buraco negro da subjetividade como consciência ou paixão, a câmera, o terceiro olho” (DELEUZE, 1996 & GUATTARI, p.32).

uma rostificação – um rosto que se torna o que é na medida das marcas de expressão que lhe tomam na relação de si consigo e com o entorno – indissociável resultante de uma luta constante entre ir e ficar, entre dizer e calar; entre. Escrever, menos para dizer e, talvez, para mais bem escutar o que não se diz e, nisso mais bem poder ouvir e quiçá escrever. Uma escrita na composição de um eterno encontro que retorna sobre o campo de um espaço a ser preenchido em movimento de conquista. Conquistam-se linhas de palavras que em suas formações bélicas tomam de assalto o território conturbado das idéias. Expressividade tomada de gosto pela expressão! Conquista de paixão. E de carinho. E de cuidado. Encontro do rosto do outro lado do espelho, um outro plano. Ler a escrita na simultaneidade de desejar escrever a leitura. Ler e escrever, sem precedência, em ilimitada convivência, em alegre convivência, ao som e ao sabor do prazer e do desejo.

O prazer do texto não tem preferência por/ideologia. Entretanto: essa impertinência não vem/por liberalismo, mas por perversão: o texto, sua/leitura, são clivados. O que é desbordado,/quebrado, é a unidade moral que a sociedade/exige de todo produto humano. Lemos um texto/(de prazer) como uma mosca voando no volume/de um quarto: por ângulos bruscos, falsamente/definitivos, atarefados e inúteis: a ideologia passa/sobre o texto e sua leitura como o rubor sobre um/rosto (em amor, alguns apreciam eroticamente/esse vermelho); todo escritor de prazer tem suas/ruborizações imbecis (Balzac, Zola, Flaubert,/Proust; somente Mallarmé talvez é senhor de sua/pele): no texto de prazer, as forças contrárias não/se encontram mais em estado de recalçamento,/mas de devir: nada é verdadeiramente antagonista,/tudo é plural (BARTHES, 1987, p. 43).

Acontece que o movimento de formação se faz em uma relação que simultaneamente ao impulso de formar, acaba por deformar, (des)formar. Com isso, põe-se em funcionamento o constituinte uma instância provisória de um continuum que brinca de se materializar percebível, enquanto imperceptível foge, contudo não antes sem deixar seus rastros espalhados ao caminho. Muitas vezes não se é tão bom com os pedaços que sobram de algo maior e mais visível. No território da educação ambiental, esses pedaços desconexos de percepções preenchem sulcos de uma geografia que se materializa em pura impossibilidade de um algo acabado e, absolutamente determinado enquanto tal. Pelo menos aos olhos projetados em direção a montanha. Esses buscam identidades bem formadas, delimitadas e inquestionáveis, na mesma ordem de um paraíso construído em termos de um lugar que aguarda a espera de ser descoberto pela boa vontade de alguns poucos escolhidos. Ora, o que um pensamento dessa monta encaminha, acaba por erigir uma norma excludente, que classifica e seleciona. Apartam-se aqueles que estão em concordância com as finalidades elencadas como fundantes de uma relação com o ideal esperado, cuja ação deve ser potencializada e, aqueles que, por não se enquadrar ao modelo desejado, necessitam ser

neutralizados. Essa perspectiva de pensamento instaura um regime de dogmatismo de amplitude coletiva, onde a regra de observância de uma determinada tendência acaba por sepultar qualquer possibilidade de diferença. Por esses procedimentos, materializam-se realidades inquestionáveis de acontecimentos que, por não estarem sujeitos a possibilidades de outras perspectivas de olhar, acabam por definir verdades absolutas e, por conseqüente, o que se nomina de saberes universais. Mas isso não é apenas pensado, também é enunciado, escrito e legislado! E nesse escopo, a mídia se encarrega de proceder ao espalhamento de pontos de vistas, de verdades e de modos de ser, funcionando como dispositivo de fabricação de opiniões em escala de massa.

Nos processos de formação de si e, mais especificamente nas iniciativas que incrementam experimentações de uma autoformação em uma determinada instância do viver, essas questões tendem a ser replicadas, o que reproduz um modo de pensamento que não intenta a criação de uma outra possibilidade de realidade, mas sim, pretende afirmar a realidade pensada enquanto ideário do coletivo hegemônico. Em suma, tem-se uma necessidade latente de produzir uma formação de opinião que espelhe um perfil idealizado a priori, o que acaba por restringir os espaços de aprendizados que possam ser liberados por tentativas de experimentações de outras possibilidades. Nesse caso, os esforços são concentrados em uma imagem de educação ambiental, ou seja, naquilo, ou naqueles preceitos que devem ser valorizados coletivamente, ao invés de investir em processos de experimentação. Ou seja, relegam-se os acontecimentos imanentes à educação ambiental a uma representação daquilo que necessita ser alcançado enquanto imagem desejada. Cumpre-se a função de um dispositivo de formação de opinião que é inerente ao próprio pensamento formativo, contudo redutor de possibilidades de formação que o próprio formador não pensou, ou mesmo, possa vir a pensar. Talvez, seja imaginável investir em uma formação duplamente articulada, reverberando em todas as dimensões e em todos os sentidos possíveis. Menos abstratamente, esse olhar não pretenderia a crítica, mesmo que dificilmente isso não aconteça, todavia o movimento se potencializaria pela busca de uma forma de resistência a um pensamento formativo que reluz por entre campanhas, propagandas e *slogans*. Seria a experimentação de um modo de sobrecodificação de processos que ostentam em suas articulações objetivistas, perfis de conduta que auferem direitos e deveres, mais das vezes, delimitadores modos demarcados no âmbito da organização social que despreza quaisquer subjetividades.

A partir da delimitação deste contexto, perspectivado pelas considerações argumentativas desenvolvidas até aqui e, recuperando-se o conceito de rostidade, bem como seu desdobramento em processos de rostificação, propõe-se um olhar sobre as possibilidades de movimentação da leitura e da escrita, articuladas na simultaneidade da composição de processos de subjetivação. Esse procedimento daria a vez a um ambiente desejoso de criar forças de resistência, que possam vir a alterar a estética do quadro formativo no território da educação ambiental. Assim como a escrita deseja a leitura como um personagem cúmplice-criador de mundos impossíveis, ficcionais ou não, a formação ambiental deseja um formando cúmplice-criativo que possa ler os acontecimentos partícipes de seus processos de autoformação reverberados na relação com seu entorno. Nesse sentido, recuperar pela escrita acontecimentos marcantes de um determinado contexto formativo, mais que produzir a rememoração de um acontecido, possibilita a criação de um novo acontecimento, potencializado pelas relações presentes, na atualidade da realidade em questão, o que não restitui um tempo passado, um espaço passado, mas ao contrário produz um outro tempo e um outro espaço. Isso em uma relação contínua e permanente de múltiplas dimensões simultâneas, que se precisa reduzir a quadros estáticos e bem definidos, como possibilidade de uma apreensão parcial. Contudo, o que acontece, acontece na indiscernibilidade de tempos que se sobrepõem indefinidamente. Ou seja, ao escrever uma experiência vivenciada podem-se acrescentar contornos a essa história, efeito de outras experiências, que nessa instância produzem novas/outras conexões. Quanto de ficção se acrescenta ao se contar uma experiência vivenciada? Cada vez que se tenta uma outra forma de experimentar os modos de viver e pensar, tensionando as palavras de ordem e as verdades inerentes de um consenso hegemônico, uma possibilidade de metamorfose se potencializa, o que produz uma linha de fuga que interfere neste contexto, modificando, indubitavelmente sua geografia estética. Talvez, o produto deste movimento não seja significativo em si, entretanto, poderá ser singular, enquanto desencadeador de processos de subjetivação. Faz-se, uma inferência no/com os gradientes dos agenciamentos que podem vir a desenhar a superfície de uma nova estética deste acontecimento, ficcionais ou não.

Aqui, fica o desejo de adentrar um pouco mais no conceito de ficção e, transvalorá-lo, no sentido nietzschiano, ou seja, na configuração e presença de um personagem criador de novas possibilidades de si. Esse movimento pode produzir ressonâncias diferentes nos modos de criar outros pontos de conexão no agenciamento de histórias de vida, de produção de si e de processos de autoformação. Constituir um vir a ser de múltiplas formas; exercitar a

diferença de experimentação; isso pode potencializar diferentes modos de olhar, de sentir e de perceber. Formar-se, autoformar-se gente, humano, ser, que percebe a possibilidade de se perceber diferente, de se olhar diferente e de se sentir diferente em relação ao mundo e a si. Percepção de um modo de ser e estar que se coloca em aberto às escolhas e aos encontros. Alguns instantes entre tantos outros de si e do mundo. Todavia, este está ali, no instante que se cria, em uma dimensão que pode transformar a composição de uma vida, não em outro lugar que não seja a contemporaneidade desta existência, palpável, localizável e, ainda assim, incontroladamente inimaginável.

Esse movimento de descobertas de si e do entorno, produz um ponto de entrada nas relações que aproximam “As três ecologias” como registros em articulação, constante e simultânea, entre o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana (GUATTARI, 1990). A imagem que se ergue é a de que cada vez menos se consegue discernir entre uma realidade e uma ficção. E isso acontece como resultante de um jogo de forças equacionadas em um território alicerçado em valores holográficos, que muitas vezes vendem procedimentos, pressupostos e verdades como se poderia vender um carro, um aparelho de televisão ou um cachorro quente e, até mesmo uma consciência ambiental. Ou seja, a cada esquina se é bombardeado por uma série de deveres que definem um determinado modo de consumo. Um modo coletivo de consumo que baliza desde a escolha de um utensílio do vestuário, até um determinado discurso, e até mesmo um pensamento. Com o avanço dos dispositivos midiáticos, tem-se cada vez mais uma disseminação de enunciados que se inscrevem nos corpos, formatando-os conforme algum ideário. Cada vez menos se exerce a possibilidade do pensamento, no sentido criativo que este enseja e, cada vez mais se reproduz os discursos prontos, delineados e bem acabados que sustentam um determinado regime. Este meio ambiente discursivo, abstrato em sua complexidade, parece muitas vezes relegado a um elemento fortuito, quando colocado ao lado de paradigmas concretos, como poluição, desmatamento, energia atômica, todavia, esse mundo que se vê, tem sua sustentação, também, e muito fortemente, em enunciados que sustentam as idéias desses elementos concretos. O que salta aos olhos toma corpo, enquanto dispositivo de sujeição de uma poluição do próprio pensamento. Aliás, mais das vezes não se pensa, mas se é pensado por uma série de enunciados já definidos, que acenam com a possibilidade democrática da escolha, contanto que seja entre as alternativas previamente disponíveis. Com isso, o meio ambiente que se ergue nas relações sociais, produz subjetividades esperadas, com variações controladas, o que mantém a estabilidade do sistema. Por trás de uma propaganda de refrigerantes, pululam

imagens de consumo que induzem atitudes e pensamentos que transcendem o simples comércio de um bem ou de um serviço, e acabam por definir comportamentos, posições e, inclusive valores. Mas, isso não é privilégio da indústria de refrigerantes, visto que funciona como um procedimento comum em praticamente todos os segmentos da sociedade. Neste caso, os enunciados, que adornam e dão forma a este mundo concreto, funcionam como máquinas produtoras de significados e de significâncias, o que sustenta todo um processo de seleção e classificação, indispensável em um regime capitalístico de mais valia.

A escrita de uma vida, passa indubitavelmente pela leitura do entorno desta vida e, ainda mais, pela leitura de si. Escrever-se no mundo requer poder ler esse mundo, para além dos ruídos de uma tagarelice do discurso de massa, que diuturnamente reafirma o já afirmado. Escrever uma vida transcende uma simples escolha de palavras, e adentra em um território em que as próprias palavras passam a se descobrir, enquanto elementos potencializadores de subjetivações. Escrever uma vida requer ler o que acontece a si e ao seu entorno, para além da visão dos comentadores que sustentam opiniões que não se afastam de um discurso conhecido. Ou seja, a vida requer ser vivida enquanto experiência efetiva que produz marcas a cada encontro; um encontro alegre ou um encontro triste. Acontecem, assim, efeitos de rostidade no desenho de paisagens de um ser muito mais geográfico do que histórico. Deste, e por este modo de vir a ser, a questão da relação do si, consigo e com seu entorno, constitui-se em um processo ético-político-estético, no qual as três dimensões se agenciam em um continuum de instâncias de realidade. Destarte, as relações sociais se produzem, enquanto produtoras de imagens decorrentes das resultantes de forças politicamente dispersas sobre este plano. Um ser coletivo convive com um ser individual, de modo contínuo e simultâneo, o que desencadeia instâncias de um ser estético, efeito de uma relação ética que se produz no confronto entre escolhas individuais e coletivas. Ora, fica evidente que um sistema com tal funcionamento, configura-se por uma relação intempestiva e provisória, cuja estabilidade reside, não no acontecimento em si, mas nos regimes de regulação e controle dispostos enquanto normas e procedimentos que aferem sentidos a um acontecido.

Deleuze e Guattari, quando agenciam o aparelho de estado com a máquina de guerra adentram o limite de uma discussão que toma corpo, precisamente, na inevitabilidade da relação entre um individual e um coletivo, que se sucedem contínua e simultaneamente em uma troca de estados; acontecimentos excessivamente velozes sobre os quais só se torna possível a apreensão de alguns quadros inertes, cada qual estabelecendo a representação de um determinado estado de realidade (DELEUZE & GUATTARI, 1997b). Todavia, esses não

podem ser adotados como definitivos, visto que demonstram um período entre as séries de instâncias evolvidas. Essa premissa encaminha uma realidade que se erige, enquanto interpretação de um ser na relação com um acontecimento, o que se constitui em uma representação parcial de realidade, que só pode ser assim nomeada na relação com um determinado tempo e com um determinado espaço. E, ainda sujeita a variações conforme a conjunção e a composição das forças desencadeadas na/pela relação.

Com isso, pode-se colocar em discussão alguns conceitos que circulam no campo da educação ambiental, adotando uma perspectiva ética, política e estética, com ênfase nas questões discursivas que fornecem uma sustentação à paisagem ambiental que permeia a contemporaneidade. Tomam corpo os espaços micropolíticos do escopo ambiental, situados nas fronteiras dos relacionamentos deste ser dito humano consigo e com seu entorno. Com essa perspectiva, pretende-se trazer à superfície um conjunto de acontecimentos que subterraneamente, talvez, reproduzam muitos procedimentos próximos aqueles que circulam em termos de uma macropolítica ambiental. De forma alguma se pretende relativizar as agressões ambientais, mais que evidentes, atualmente, contudo se faz premente uma discussão que aproxime uma reflexão sobre os espaços cotidianos da urbanidade e, principalmente dos desdobramentos que tomam efeito como marcas nos corpos destes seres que se constituem em urbanóides.

Por vezes, o que acontece é que situações cotidianas em nível de comportamentos sociais e coletivos, que não podem ser diretamente racionalizáveis, acabam por receber um status de menor valia, principalmente em relação aos parâmetros norteadores de uma representação social desejada. O quê, ainda se tem ampliado pelo ritmo exacerbado das contradições latentes do cotidiano quando em confronto com as requisições diárias a que se está impelido. O viver do *socius* contemporâneo cada vez mais impõe demandas imediatas, o que acaba por condensar um tempo que se tem. Esse fato encaminha uma visão embaçada das necessidades individuais e coletivas, decorrente de uma enxurrada de coisas a que se está sujeito a cada dia, a partir do simples ato de abrir dos olhos. Esse ser que mais bem necessitaria se conhecer e, assim melhor poder se cuidar revoga a possibilidade de uma condição ética de recomposição de seu processo de subjetivação, e reproduz em si as manifestações coletivas hegemônicas. Sem sombra de dúvidas, o contemporâneo cada vez mais desenvolve dispositivos de apreensão do sujeito, alternando disciplina e controle, principalmente pelos apelos midiáticos cada vez mais inebriantes. A rotina diária do trabalho, dos estudos, da família a que se está sujeito historicamente, tem-se ainda potencializada pela

necessidade de uma comunicação compulsiva que se impõe em meio a tantas ofertas midiáticas que surgem a todo o instante. Essas questões, de algum modo, modificam o desenho contemporâneo da educação ambiental, pois propõem uma ampliação da percepção deste território, não só quantitativamente, pelo aumento exponencial das possibilidades de relação, mas também e, principalmente, qualitativamente, à medida que se torna possível pensar a si e ao meio ambiente, enquanto potência de um continuum criativo, em que se avança e se recua, não porque se deve, mas porque se pode e se deseja o que se pode. Com isso, talvez seja possível modificar a topologia de capitalização do espaço ambiental a que se está sujeito, e experimentar poder perceber a realidade de um outro modo; ouvir o que não é falado, ler o que não é escrito; fugir da captura sempre eminente engendrada na enxurrada de discursos do politicamente correto. Uma questão de heterogênese, isto é, um processo contínuo de resingularização (GUATTARI, 1990, p.55), individual e coletiva, o que, transposto o discurso de preservação, denota uma possibilidade factível de reinvenção do meio ambiente. “Assim, toda uma catálise da retomada de confiança da humanidade em si mesma está para ser forjada passo a passo e, às vezes, a partir dos meios os mais minúsculos” (GUATTARI, 1990, p.55-56). O cuidado de si e do meio ambiente, passa cada vez mais pela arte de reinventar os modos de ser/estar no mundo, potencializando a simplicidade de dizer sim ao viver e não aos discursos falaciosos que representam um modelo de vida. Talvez aí, a dobra, o pequeno detalhe de diferenciação entre ser o senhor de seus atos ou o escravo de uma consciência.

REFERÊNCIAS:

- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- DELEUZE, Gilles e Guattari, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia* Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995a.
- DELEUZE, Gilles e Guattari, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia* Vol. 2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995b.
- DELEUZE, Gilles e Guattari, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia* Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles e Guattari, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia* Vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997a.

DELEUZE, Gilles e Guattari, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia* Vol. 5.

Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caifa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997b.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papirus, 1990.